

# Não só 25 anos de COLE<sup>1</sup>, mas também...

## Not only 25 years of COLE, but also...

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n79p91-101>

NORMA SANDRA DE ALMEIDA FERREIRA<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este texto foi escrito em comemoração aos 25 anos do Congresso de Leitura do Brasil - COLE, evento promovido pela Associação de Leitura do Brasil desde 1978. A autora busca movimentos de análise interpretativa a partir da interlocução com fragmentos colhidos nos anais de diferentes Coles. Inclui, como adendo, um novo texto que contempla os Coles que aconteceram no século XXI, atualizando sua narrativa em torno de um discurso sobre leitura construído neste evento ao longo de mais de 40 anos e sob coordenação de muitas Comissões Organizadoras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Congresso de Leitura do Brasil; leitura; memórias.

**ABSTRACT:** This text was written in commemoration of the 25th anniversary of the Reading Congress of Brazil - COLE, an event that has been promoted by the Reading Association of Brazil since 1978. The author seeks movements of interpretative analysis from the interlocution with fragments collected in the annals of different Coles. It includes, as an addendum, a new text that contemplates the Coles that took place in the 21st century, updating

1. A primeira parte deste texto foi escrita, como apresentação da coletânea intitulada *Leitura: um cons/Certo*, organizada pela autora, por ocasião da comemoração dos “25 anos de COLE”, em 2003. A obra, totalmente financiada e editada pela Companhia Editora Nacional (São Paulo-SP), foi distribuída gratuitamente aos inscritos no 14.º Cole, com venda proibida.
2. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

its narrative around a speech on reading built in this event over more than forty years and under the coordination of many Organizing Commissions.

KEYWORDS: Reading Congress of Brazil; reading; memories.

Em 1978, o Brasil sonhava com tempos de uma sociedade democrática, lutava pelas eleições diretas, mobilizava-se em torno da anistia dos exilados, vivia momentos intensos de fortalecimento de alguns setores sociais, como o dos trabalhadores.

Numa crítica, ao mesmo tempo velada e explícita, sob inspiração dialético-marxista, a sociedade brasileira expressava, com ênfase, sua frustração com o “milagre brasileiro” e o crescimento econômico, com o achatamento salarial, com a concentração de riqueza, com as desigualdades sociais. Um anseio de mudanças, inclusive educacionais, denunciava os índices de analfabetismo nos limites de mais de 30%, os pontos críticos do fracasso escolar, a evasão escolar e a repetência, em número não menos alarmante; desiludia-se com a Lei 5692/71 e sua reforma universitária, a progressiva burocratização da atividade docente, com a adoção de uma pedagogia tecnicista nos mais variados graus de ensino.

Em Campinas (SP), neste mesmo ano de 78, um pequeno grupo de pesquisadores e professores universitários arquitetava o I Congresso de Leitura do Brasil – COLE, impulsionados pela vontade, até então sufocada, de dar “voz e vez” a conhecimentos que já vinham sendo produzidos na área da educação e da leitura, bem como a uma crítica “amadurecida” durante 20 anos de ditadura militar, vinda de boa parcela de educadores da esquerda.

Colocando sob suspeita a escola dos anos 60 e 70, vista ora como “aparelho reprodutor da ideologia dominante”, ora como “instrumento da classe dominante utilizado para a exclusão e controle das classes populares”, este Congresso torna-se, desde seu início, lugar em que se acredita que a educação era e é atividade de produção dos homens e das mulheres, feita pelos e para os homens e as mulheres, cabendo nesse lugar exercitar caminhos, encontrar “brechas”, possibilidades de atuação, espaços possíveis de serem tomados no interior da escola e da sociedade.

Nesta luta configura-se o que seria para os Congressos de Leitura sua principal marca de distinção: a educação é sempre um ato político, afirmação que buscava combater uma outra, em que se entendia a educação como um fenômeno estritamente técnico-pedagógico, portanto inteiramente autônomo e independente da questão política. Em companhia desta, uma outra afirmação pode ser lida no Caderno da programação do 3.º COLE: a de que a leitura não era apenas domínio de habilidades

mentais, mas o “ato de ler, é, sem dúvida, um forte instrumento de combate à ignorância e alienação” (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 1981, p. 2).

O I Congresso de Leitura do Brasil, em 1978, não apenas colocava na tensão entre sonho e realidade, teoria e prática, política e técnica, sua preocupação com os problemas de *Leitura no Brasil*, mas, sobretudo, aspirava àquilo que estava exposto como objetivo mais importante da Associação de Leitura do Brasil (ALB), promotora do evento: a luta pela democratização da leitura no contexto brasileiro.

No ano seguinte, na conferência de encerramento publicada no Caderno de programação do 2.º COLE (1979), Moacir Gadotti convocava assim os participantes:

Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio. Ensinar o trabalhador apenas a escrever o seu nome [...], ensiná-lo a ler alguns letreiros na fábrica [...] para que não provoque algum acidente e ponha em risco o capital do patrão não é suficiente. Um CONGRESSO DE LEITURA deveria reclamar para o trabalhador a possibilidade de ter acesso à cultura geral, à possibilidade de participar da construção de seu país. (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 1979, p. 44)

Os primeiros Coles (1978, 1979 e 1981) vão se configurando como um lugar construído de trabalho e de reflexão, que não se faz sozinho, mas que é intensamente compartilhado coletivamente. Lugar de mobilização e confronto de muitas vezes diversas e, talvez, dispersas, vindas de diferentes regiões do País, conforme anúncio, publicado na Revista *Leitura: Teoria & Prática* de outubro de 1983, do Cole a ser realizado em novembro daquele ano:

[...] A passagem do discurso à ação ocorre por meio da organização dos trabalhos, dos atos daqueles indivíduos e grupos que também percebem sérios problemas na realidade da leitura em nosso país [...] que esse espaço chamado COLE, conquistado nos idos de 1978, seja preenchido com o maior número possível de experiências concretas, atos que responderam aos elementos de fundamentação teórica propostos através da revista “Leitura: Teoria & Prática”. (ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL, 1983, p. 3)

O Cole exercita em cada um de seus eventos, bianualmente (a partir de 1979), a ideia de que a produção acadêmica na área da Leitura – como campo de investigação teórica e metodológica independente de seus vínculos mais imediatos com

a alfabetização, com o ensino de língua portuguesa e da literatura – não pode, não deve e não permanece murada no interior da academia.

Este conhecimento, de natureza mais acadêmica, ao ser posto em circulação, movimenta-se de diferentes formas e jeitos: na produção de experiências concretas no cotidiano escolar, espaço das formas plurais de trabalho e reflexão; na produção de revistas especializadas e na publicação de livros, intensificando o mercado editorial voltado para a formação de educadores; na atuação junto a órgãos governamentais, quer na elaboração de propostas curriculares, quer na discussão das políticas públicas; na produção de materiais dirigidos à escola (sala de aula, biblioteca escolar), entre outros.

Com o passar do tempo, o Cole assume a necessidade de ampliar a discussão para além do espaço escolar e das instituições acadêmicas. Quer aproximar-se de ações produzidas em outras instâncias que também promovem a leitura e que podem ser mobilizadoras de acesso dos leitores ao que se lê, em seus múltiplos objetos de leitura no interior da sociedade.

Ilustra este momento a fala de João Wanderley Geraldi, na abertura do 7.º COLE (1989):

“Nas malhas da Leitura, puxando outros fios” [...] Os fios que temos puxado nos mostram outros fios, e outros, e ainda mais outros: a malha tecida não se fecha para encobrir, mas ao contrário, como malhas de leituras, abre espaços de discussões novas. Este é o porquê deste Congresso: tentar trazer para dentro da pesquisa acadêmica ou para dentro da prática pedagógica a visão daqueles que fazem da produção do que se lê o seu cotidiano, produção que não se limita ao texto verbal, mas que coloca, a cada dia, diferentes objetos de leitura. (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 1989, p. 03)

Nesta ocasião, os propósitos e intenções do Cole parecem apontar para um alargamento da concepção da leitura em suas inúmeras relações dos profissionais com ela envolvidos, em inúmeros modos de produção, circulação, recepção e apropriação. Há que se ampliar, agregando, ainda mais, forças vindas e produzidas por outros sujeitos do mundo da leitura – autores, críticos, livreiros, pessoas envolvidas em órgãos oficiais que definem políticas públicas, entidades e programas de promoção da leitura –, além dos professores e dos pesquisadores.

Também se assume neste momento, de modo mais enfático, que o conceito de leitura não poderia mais ficar circunscrito ao texto verbal, mas que poderia ser ampliado ou combinado em linguagens distintas, nas quais o ato de ler se singularizaria

em imagens e palavras associadas, cruzadas ou não, em diferentes gêneros e suportes de textos (história em quadrinhos, jornais, livros de literatura infantil, no cinema, na televisão, etc.). Coloca-se em destaque um mundo de objetos a ser lido, em seus diferentes espaços, por leitores também diferentes. Coloca-se a necessidade de atenção à diversidade e à quantidade desses objetos, assim como o acesso dos leitores a eles. Busca-se compreender seus modos de produção, de recepção e de circulação, as estratégias de promoção e divulgação da leitura.

Em meados dos anos 90, a partir do 10.º COLE, os Congressos passam a aglutinar novos debates (educação especial, psicanálise, educação indígena<sup>3</sup>, mídia e educação, história e educação, ensino de ciências), sob uma nova organização dos trabalhos. Os Coles – além das conferências e palestras proferidas por pesquisadores de âmbito internacional e nacional e destinadas ao grande público – ganham então um novo formato, reunindo os congressistas nos Encontros e Seminários, sob a coordenação de profissionais ligados a várias instituições públicas e privadas e em uma perspectiva multidisciplinar, na configuração em que até hoje se apresentam. Os Coles vão, cada vez mais, enfatizando uma perspectiva de trabalho com a afirmação de que são muitos e diversos os leitores, os quais têm inúmeras razões para ler, e em diferentes espaços. Eles acenam com diversos gestos e praticam a leitura em seus modos distintos e circunscritos a objetos também distintos.

Na insistente defesa dos “excluídos” da leitura, os anos 90 começam a moldar um debate em que se busca conhecer melhor aqueles que leem, dando a eles um lugar para a elaboração de sua própria (e distinta) voz, de modo a construir um discurso que inclua e legitime todo e qualquer leitor.

Até então, a tônica das discussões era a ênfase na existência de uma crise da leitura, configurada por uma carência ou inadequação: dos leitores e dos formadores de leitores; dos espaços de leitura; dos modelos de leitura (melhor, mais crítica, mais fluente, mais competente, mais intensiva); das possibilidades de acesso e frequência dos leitores aos espaços; da quantidade e da pluralidade de objetos possíveis de serem apropriados pelos leitores, entre outros. Dificuldades e desigualdades

3. O *Encontro sobre Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas*, realizado desde 1995, é um desses Seminários que compôs os trabalhos do Cole, por mais de duas décadas. Foi considerado por Juracilda Veiga (sua coordenadora, ora com Wilmar R. D’Angelis, ora com *Maria Beatriz R. Ferreira*), o mais amplo e plural espaço de debate e reflexão sobre educação escolar indígena no País. O Encontro, no âmbito do COLE, divulgava pesquisas e experiências contando com a participação de centenas de índios ligados a diferentes comunidades indígenas de Terena do Bananal, Lagoinha, Pirakuá, Água Bonita, Tengatuí, Marangatú e Xakriabás.

de oferta, de participação e de instrumentalização nos aspectos que envolvem a leitura e que deveriam estar melhor preparados, aparelhados e superados pela ação política e pedagógica. No final dos anos 90, o Cole assume que a insistência nesta perspectiva vem contribuindo para ignorar, desconhecer, ocultar outros modos de inserção dos sujeitos nas formas da cultura, deixando de colocar em pauta que a promoção ou exclusão desta ou daquela leitura estariam diretamente relacionadas a questões culturais, políticas, históricas e sociais.

Assim, em 1999, em nome da coordenação geral do 12.º COLE, Luiz Percival Leme Britto e Márcia Abreu abrem o *Caderno de Resumos* com as seguintes palavras:

É certo que parcelas da população têm pouco ou nenhum acesso a materiais escritos. É certo também que outra parcela tem a possibilidade de pleno acesso. Isto todo mundo sabe. A questão que se levanta, contudo é se a representação do que seja leitura no discurso pedagógico não está ofuscando o fato de que a gente lê sim, lê mais do que se supõe, mas talvez não leia aquilo que a tradição letrada considera importante [...]. O que nos parece necessário, mais do que campanhas promocionais de práticas de leitura, é indagar, sem pré-juízos de valor, quem, o quê, como, em que condições por que razões lê ou não lê, isto ou aquilo. Em outras palavras, trata-se de verificar que fatores sociais, políticos, econômicos, culturais, promovem ou desfavorecem esta ou aquela leitura, ou até mesmo qualquer leitura. Trata-se de abandonar a postura magistral de quem sabe o que o outro deve ser e fazer e permitir que aflorem as contradições, os interesses, os valores que informam as práticas leitoras na sociedade contemporânea. Trata-se enfim de pôr em questão tanto as leituras quanto os discursos sobre leitura, permitindo que se manifestem as práticas veladas, desautorizadas e desconsideradas. Talvez, deste modo, se torne possível o debate franco e sem preconceitos sobre leitura e cultura, leitura e sociedade. (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 1999, p. 10)

A vivência de todos os indivíduos na cidade das letras exige assim a luta por uma “democracia social e econômica, condições fundamentais de leitura e de felicidade para todos”, como podemos ler no texto de abertura do 13.º COLE (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 2001). Exige também uma perspectiva que aceite a diversidade no tempo histórico e no recorte do tempo atual: nos modos de ler de diferentes grupos culturais, com seus objetos e práticas, nos espaços consagrados à leitura – bibliotecas, gabinetes, clubes literários, escolas –, no diálogo de várias linguagens em diferentes suportes de textos.

Hoje, nos preparativos para o 14.º COLE, trago, novamente, palavras de Ezequiel Theodoro da Silva, um dos idealizadores deste Congresso e o primeiro presidente da Associação de Leitura do Brasil, referindo-se ao primeiro Cole:

[...] o 1º COLE que, além de abreviar o termo Congresso de Leitura do Brasil, tinha uma relação com o verbo “colar”. A expectativa era de que o evento colasse, grudasse na consciência dos professores, bibliotecários e outros agentes culturais, servindo como um fórum para a realização de discussões e debates em torno da problemática de leitura no contexto brasileiro. (SILVA, 2003, p. 14).

Nesta comemoração dos 25 anos de Cole, podemos responder às expectativas dos seus fundadores. A cada ano este evento cresce em número de participantes e de apresentação de trabalhos, evidenciando uma produção que se tece em diferentes campos de conhecimento, que se apoia em diferentes vertentes teórico-metodológicas, que se inscreve numa malha de termos correlatos e multifacetados, agrega forças e propósitos, mas que, como nos alerta Luiz Percival Britto, atual presidente da Associação de Leitura do Brasil, continua sua luta “renhida”:

Podem dizer que somos teimosos em repetir a cada dois anos a mesma coisa. É uma questão de ênfase: para nós, prevalece a necessidade de lutar pela construção de uma sociedade em que ocorra o efetivo acesso de todos aos bens materiais e culturais que resultam da produção coletiva, ainda que fiquem propriedade de apenas uma parte. (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 2003, p. 03)

Campinas- SP, julho de 2003.

#### UM ADENDO – OUTROS COLES, OUTROS TEMPOS

A temática dos Coles realizados na primeira década do século XXI vem marcada pela afirmação da desigualdade no acesso, na familiaridade, no domínio da(s) leitura(s) por grande parte da população brasileira e da diversidade em que a(s) leitura(s) se apresenta(m) para diferentes comunidades ou grupos culturais, simultaneamente, ao longo da história.

A literatura inspira os temas do 14.º até o 17.º COLE, estampada nos versos de poetas brasileiros, como *As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase*, de

Carlos Drummond de Andrade (em 2003), ou *Pensem nas crianças mudas telepáticas*, de Vinícius de Moraes (em 2005), ou ainda *Há muitas armadilhas no mundo e é preciso quebrá-las*, de Ferreira Gullar (em 2007), ou também *O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê*, de Manoel de Barros (em 2009), entre outros. A linguagem literária potencializa as intenções proclamadas nos eventos:

nosso discurso de Educação participativa e transformadora e de estímulo à Leitura não é vão. Nem são vãs as imagens de vida que a arte projeta. São a expressão do desejo de que é possível instituir uma nova ordem social, em que Poder não seja sinônimo de opressão, miséria e terror, em que a possibilidade de ser não se resume à competitividade empresarial e territorial. Por isso seguimos. (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 2005, p. 01.)

Após 2010, as temáticas conversam com a tradição do evento, endossando o aspecto multifacetado e plural da leitura, atravessado pela(s) cultura(s) e pela educação. Redimensionam o debate, convocando, com destaque, questões ligadas à(s) identidade(s), a diferença(s), desigualdade(s), preconceito(s), silenciamento(s) que se expandem, sem fronteiras, para além do campo da leitura. O 19.º COLE, com o tema *Leituras sem margens* (2014), sugere um alargamento do espaço deste evento, “em tempo de desassossego, incômodo e enfrentamento de linguagens” (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 2014).

As edições diminuem de tamanho, no que se refere à quantidade de pessoas participantes. Ganham um formato sem os Seminários, que reuniam professores, organizações e grupos de pesquisa representativos no cenário nacional (FNLIJ, Ação Educativa, ANPED, CEALE/UFGM, IMECC/Unicamp, Associação de Professores de Língua e Literatura/USP, etc.), responsáveis por coordenar as discussões sobre a educação e políticas públicas comprometidas com as pessoas com deficiência; os índios; os jovens e os adultos analfabetos (EJA); as crianças; a questão do gênero e da exclusão, entre outros.

Nesta última década, os Coles modelam um contracombate na força na/pela linguagem que reexiste, singular, fragmentada, plural, subjetiva e provisória, na produção de sentidos de ser e estar no mundo de hoje. O 18.º COLE (2012), por exemplo, indaga, problematiza e acena: “É preciso, quem sabe, redesenhar nosso tempo, colocando-se na leitura: ‘O Mundo Grita. Escuta?’” (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 2012, p. 1).



Este tema parece antecipar a efervescente onda de manifestações políticas que, nestes últimos anos, expõe o fato de que “o rei está nu”. Um mundo que grita contra a desigualdade, a exclusão, a violência, a injustiça, o racismo, o autoritarismo, o fascismo, etc. Populações vão à rua, criam situações emblemáticas em defesa da liberdade de expressão, depois dos ataques orquestrados, em Paris, em 2015, e prestam solidariedade: “*Je suis Charlie*”; milhares de pessoas aquecem o debate contra o racismo depois da morte de um cidadão negro asfixiado por policiais brancos estadunidenses, em 25 de maio de 2020: “Black Lives Matter”; uma garota sueca de 16 anos chama a atenção dos governantes e políticos, mobilizando protestos em várias partes do mundo contra as mudanças climáticas, em 2018. No Brasil, pessoas passam a temer a perda de “bandeiras” conquistadas ou as que parecem estar em sintonia com o mundo. Passeatas e movimentos escancaram “lutas abafadas” ou que indicavam já ter sido vitoriosas. Brasileiros acionam as instituições democráticas e se colocam nas ruas, em vários estados, para garantir a defesa da ética, da ciência, do respeito à imprensa, da preservação do meio ambiente, contra grupos que convocam também, em manifestações, um golpe militar, a volta do AI5, o fascismo, o autoritarismo. Não bastam as manifestações na rede virtual. A luta é para ser vivida no corpo a corpo.

E o tema *Leituras plurais e escritas equilibradas*, inspirado na canção composta por João Bosco e Aldir Blanc, escolhido pela Comissão Organizadora da 22.<sup>a</sup> edição do Cole (que aconteceria em julho deste ano), antecipa uma dimensão jamais prevista por este evento. O tema passa a ser reinterpretado sob o impacto do vírus nomeado como *Covid-19* e das crises política, econômica e social que assolam o nosso país.

Não só o 22.<sup>o</sup> COLE precisou ser adiado para início de 2021 por causa desse vírus – como reunir mais de mil participantes em um evento? –, mas também muito do que sonhávamos, propúnhamos ou arquitetávamos nas diferentes edições do evento ficou sob suspensão e sob suspeita. Estávamos preparados para uma luta em que os “inimigos” e as temáticas já eram nossos velhos conhecidos. Agora, no entanto, nos vemos convocados para enfrentar uma luta que, como poucas, escancarou ainda mais a desigualdade, a exclusão e o privilégio de poucos.

Um vírus nos colocou na “corda bamba dos equilibradas” e nocauteou um mundo – econômico, político, social, cultural – em suas certezas e projetos formatados: Que mundo é este? O que está acontecendo? O que podemos fazer?

O 22.<sup>o</sup> COLE sugere: “Dispostos a andar na corda bamba em tempos em que se pode machucar [...]” e abrir “espaço à esperança equilibrada que dança nesse fim de

tarde em chamás, e sabe que todo escritor, escritora, professor, professora, artista e cientista, inevitavelmente, tem que continuar”.

Teriam os Coles anteriores imaginado uma visão da Terra girando sob o impacto do *Covid-19*? Teriam imaginado que, em 2020, a luta continuaria contra o terrorismo, contra o preconceito, contra os golpes na área política, contra a violência (especialmente em relação às populações econômica e culturalmente vulneráveis), contra a escola e a saúde pública, no nosso país? Difícil responder – a única certeza é que o show tem de continuar...

Campinas-SP, julho de 2020.

#### REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Revista Leitura: Teoria & Prática (LTP)*, ano 2, n. 2, 1983.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 1., e CONFERÊNCIA PARA BIBLIOTECÁRIOS, 1., 1978, Campinas, SP. *Resumos [...]*. Campinas: FE/Unicamp, 1978.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 2., 1979, Campinas, SP. *Resumos [...]*. Campinas: FE/Unicamp, 1979.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 3., 1981, Campinas, SP. *Programação [...]*. Campinas: FE/Unicamp, 1981.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 7., 1988, Campinas, SP. *Anais [...]*. Campinas: FE/Unicamp; ALB, 1988.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 12., 1999, Campinas, SP. *Caderno de Resumos*. Campinas: FE/Unicamp; ALB, 1999.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 13., 2001, Campinas, SP. *Anais [...]*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB, 2001.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 14., 2003, Campinas, SP. *Anais [...]*. Campinas, FE/Unicamp; ALB, 2003.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 15., 2005, Campinas, SP. *Anais [...]*. Campinas: FE/Unicamp; ALB, 2005.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas, SP. *Anais [...]*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB, 2007.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas, SP. *Anais [...]*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB, 2009.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 18., 2012, Campinas, SP. *Anais [...]*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB, 2012.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 19., 2014, Campinas, SP. *Anais [...]*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB, 2014.

CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 22., Campinas, SP. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. Disponível em: [www.alb.com.br](http://www.alb.com.br). Acesso em: 05 maio 2020.  
FERREIRA, Norma Sandra de A. (Org.) *Leitura: um cons/certo*. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 2003.  
SILVA, Ezequiel Theodoro. *A leitura nos oceanos da Internet*. São Paulo, SP: Cortez, 2003.

#### SOBRE A AUTORA

**Norma Sandra de Almeida Ferreira**, graduada em Letras (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José dos Campos – SP), mestrado e doutorado em Educação (Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas). É professora livre-docente e pesquisadora da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas. Coordena atualmente o grupo de pesquisa Grupo de pesquisa “Alfabetização, Leitura, Escrita e Trabalho Docente na Formação Inicial” – ALLE/AULA. Tem experiência nas áreas da educação e linguagem, com pesquisas nos seguintes temas: leitura, alfabetização, literatura infantil e livros escolares.

*E-mail:* [normasandra@yahoo.com.br](mailto:normasandra@yahoo.com.br).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3078-2168>.

*Recebido em 27 de abril de 2020 e aprovado em 29 de junho de 2020.*